Programa de curso

Disciplina: SOA 983 – H / Tópicos Especiais em Antropologia – Campesinato Contemporâneo
Professor: Aderval Costa Filho / adervalcf@gmail.com
Ano e Semestre: 2018/2º
Carga Horária: 60 hs (4 créditos)
Horário: Quartas-feiras das 14h às 18hs

EMENTA

A disciplina objetiva problematizar as questões das identidades, territórios e campesinidades contemporâneas no Brasil, a partir da relação entre Poder, Territorialidade, Estado, Desenvolvimento, Violência e Micropolítica. Ênfase especial será dada aos processos de luta e resistência de grupos historicamente excluídos pelo seu reconhecimento e acesso à terra/território.
Noções de campesinidade, terra e território, etnogênese e reconformação étnica, territorialização serão primordiais para se construir um entendimento desses processos.
Também serão problematizadas noções de sustentabilidade e desenvolvimento (modelos em conflito), bem como a resistência do policultivo agroecológico em confronto com o monocultivo intensivo e exportador, demonstrando a resistência do campesinato brasileiro na defesa não só da terra/território, como também da autonomia sociopolítica e produtiva diante do projeto governamental de integração do campesinato ao agrogenócio, hidronegócio, agrocombustível e à matriz energética e minerária.
Por fim, serão explorados conflitos entre modelos vistos a partir de diversas situações sociais e biomas, e dinâmicas atuais da organização do campesinato, dos novos sujeitos do meio rural (novas formas camponesas, povos e comunidades tradicionais, comunidades intencionais) e seus movimentos, explorando brechas nas regulações agrária, fundiária e ambiental que têm favorecido e fortalecido suas resistências.

PROGRAMA

UNIDADE I – CAMPESINIDADE E CAMPESINIDADE CONTEMPORÂNEA

08.08 – Apresentação do programa de curso, alunos e professor.

15.08 – Feriado.

22.08 – Não haverá aula; professor estará em trabalho de campo.

29.08 - MENDRAS, Henri. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- REDFIELD, Robert. 1969 [1954-5]. "The Social Organization of Tradition". Em Peasant Society and Culture. Chicago: At the University Press. Pp. 40-59.
- WOLF, Eric. "Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar". Bela Feldman-Bianco & Gustavo Lins Ribeiro (orgs). Antropologia e Poder. Brasília/São Paulo: Ed.Unb/Ed.Unicamp. 2003. Pgs. 117-144.

05.09 - HEREDIA, Beatriz & GARCIA Jr, Afrânio, 1971. "Trabalho familiar e campesinato". América Latina 14 (1/2).
- WOORTMANN, Ellen F. O sítio camponês. In Anuário Antropológico 81. Brasília/Rio de Janeiro: EdUnB/Tempo Brasileiro. 1983.

– WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se Neguceia: o campesinato como ordem moral” In Anuário Antropológico/87. Brasília: EdUnB. 1990.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2012. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 55(1): 439–464.

12.09 – VINCENT, Joan. 1982. “A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes”. In. Bela Feldman-Bianco (org.) Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo: Global. 1978.
- DELBOS, Geneviève. Leaving Agriculture, remanining a peasant. In: Man. Vol. 27. No. 4. Dezembro/1982.
- BOURDIEU, Pierre. 1979. O desencantamento do mundo: econômicas e estruturas Temporais. São Paulo: Perspectiva.
- CARNEIRO, M. J. 1998. Camponeses, Agricultores e Pluriatividade. Editora Contra-Capa: Rio de Janeiro.

19.09 – MENDRAS, Henri; JACOBS. Amy. 2002. The invention of the peasantry: a moment in the history of postworld war II French sociology. Revue Française de Sociologie, 43, supplément. An annual English selection. pp. 157-171.
- SHANIN. Teodor. 2005 [1982]. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 8, n. 7, pp. 1-21.
- VELHO, Otávio G. 1982. “O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro”. Em Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 40-47.

26.09 – MUSUMECI, Leonarda. 1988. “Terra Liberta: versões do mito”. Em O Mito da Terra Liberta: colonização “espontânea”, campesinato e patronagem na Amazônia Oriental. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais. pp. 27-55.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. 2003. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 21, outubro: 42-61.
- CARNEIRO, Maria José. 2008. “Rural” como categoria de pensamento. Ruris, Campinas. vol. 2, n. 1: 9-38.
- ALMEIDA, Mauro W. B. 2007 [1998]. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. Ruris, Campinas, vol. 1, n. 2: 157-188.

UNIDADE II – ETNICIDADE E TERRITORIALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

03.10 – BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: Tomke Lask (Org.). O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2000 (p. 25-68).
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Etnicidade: da cultura residual mais irredutível”. In: Manuela Carneiro da Cunha. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. 2009 (p. 277-300).
– CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “Identidade étnica, identificação e manipulação” e “Um conceito antropológico da identidade”. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira. 1976.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. 2012. Grupos étnicos e etnicidade. In Antonio Carlos de Souza Lima (Org.) Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/ABA (p. 68-78).

10.10 – HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- ERIKSEN, Thomas Hilland. 1991. The cultural contexts of ethnic differences. Man. V. 26, n° 01 (p. 127-144).
_____. Ethinicity and nationalism – antropological perspectives. Pluct press. London, Chicago, Illinois, 1993 (Cap 1 - What is Ethnicity? e Cap. 3 The Social Organisation of Cultural Distinctiveness, p. 1-22, 43-69).

- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chave da antropologia transnacional. Mana 3 (1): 7-39, 1977.

17.10 – PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos índios misturados?: situação colonial, territorilização e fluxos culturais. In A viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1999.
- SOUZA LIMA, Antonio Carlos. “Povos Indígenas no Brasil contemporâneo: de tutelados a organizados?” In: Sousa, Cassio Noronha Inglez de; Almeida, Fabio Vaz Ribeiro de; Souza Lima, Antonio Carlos de & Matos, Maria Helena Ortolan, orgs. Povos indígenas: projetos e desenvolvimento, II. Brasília: Paralelo 15, GTZ; Rio de Janeiro: LACED, 2009, pp. 15-50.
- FIGUEIREDO, Leandro M. Remanescentes de Quilombos, Índios, Meio Ambiente e Segurança Nacional: ponderação de interesses constitucionais. In: CANTANHEDE F°; CARNEIRO, Andréa F. T; AYALA, Caroline; [et a1.]. .]. O Incra e os desafios para a regularização dos territórios quilombolas. Brasilia: MDA: Incra, 2006 (p.57-69).

24.10 – Não haverá aula; participação no 42º Encontro Anual da ANPOCS.

31.10 – FIGUEIREDO, Leandro M. Remanescentes de Quilombos, Índios, Meio Ambiente e Segurança Nacional: ponderação de interesses constitucionais. In: CANTANHEDE F°; CARNEIRO, Andréa F. T; AYALA, Caroline; [et a1.]. .]. O Incra e os desafios para a regularização dos territórios quilombolas. Brasilia: MDA: Incra, 2006 (p.57-69).
COSTA FILHO, A. As comunidades dos quilombos, direitos territoriais, desafios situacionais e o ofício do(a) antropólogo(a). In: Novos Debates: fórum de debates em antropologia. Vol. 2, nº 2, Junho/2016. (p. 126-140)
O'DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In IDEM (Org.). Quilombo: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002. (p. 13-42).
ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, Os quilombos e as novas etnias. In: Eliane Cantarino O'Dwyer. Quilombo: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002. (p. 43-81).

07.11 – ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Terras de Quilombos, Terras Indígenas, "Babaçuais Livres", "Castanhais do Povo", Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM. 2006 (p. 21-99)
LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia. N° 322. Brasília: DAN/UnB. 2002.
COSTA FILHO, Aderval. Os povos e comunidades tradicionais no Brasil. In: Edmilton Cerqueira et al. (Orgs) Os povos e comunidades tradicionais e o ano internacional da agricultura familiar. Brasília: MDA. 2015 (p. 77-98)
CUNHA, Manuela Carneiro & ALMEIDA, Mauro W. B. "Populações tradicionais e conservação ambiental". In: Manuela Carneiro da Cunha. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. 2009 (p. 277-300).

UNIDADE III – COLONIALIDADE, DIREITOS TERRITORIAIS E CONFLITOS AMBIENTAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

14.11 - QUIJANO, Anibal - Colonialidade, Poder, Globalização e democracia. Revista Novos Rumos, No. 37, Ano 17, 2002. (p. 1-25).
- ASAD, T. Two european images of non-european rule. In. ASAD, T. (Org.) Anthropology & the Colonial Encounter. Humanity Books, 1995 (p. 103-118).
- BAVISKAR, Amita. Written on the body, written on the land. Violence and environmental struggles in Central India. Working papers 02, 2010. Berkeley Workshop on environmental politics.
- SPIVAK, Gayatri C. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. (p. 19-133).

21.11 – FANON, F. Da Violência no contexto internacional. In. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979 (p. 75-85).
- NORDSTROM, Carolyn, ROBBEN, Antonius C.G.M. 1995. "The Anthropology and Ethnography of Violence and Sociopolitical Conflict". In: NORDSTROM, Carolyn, ROBBEN, Antonius C.G.M (eds.). Fieldwork under Fire: Contemporary Studies of violence and Survival. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, p.1-23.
- DAS, Veena & POOLE, Deborah - El Estado y sus márgens. Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM. (p. 19-52)

- ZHOURI, Andréa; VALENCIO, Norma (Org.). Formas de matar, de morrer e de resistir: limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Belo Horizonte: UFMG, 2014. (Apresentação e Mapeando desigualdades ambientais: mineração e desregulação ambiental, p. 9-21, 111-142)

28.11 – URQUIDI, Vivian; TEIXEIRA, Vanessa; LANA, Eliana. Questão Indigena na America Latina: Direito Internacional, Novo Constitucionalismo e Organização dos Direitos Indígenas. Cadernos PROLAM/USP (ano 8. vol I, 2008); p. 199-222.
- LEITE, Ilka Boaventura. Diásporas africanas e direitos territoriais: as várias dimensões do quilombo no Brasil. In: Osvaldo Martins de Oliveira (Org.). Direitos quilombolas & dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988. Rio de Janeiro: ABA, 2016. Pp. 289-304.
- COSTA FILHO, Aderval. Direitos de povos e comunidades tradicionais no Brasil. Miracy Barbosa de Souza et al. (Orgs). Cidade e Alteridade: Convivência multicultural e justiça urbana. Belo Horizonte: D'Plácido. 2016.
- MORÃO, Regina Célia. Comunidades Intencionais: velhos novos espaços de fuga. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Velho: UFRO. 2017.
- MOURA, Iracema Ferreira de. Antecedentes e aspectos fundantes da agroecologia e da produção orgânica na agenda das políticas públicas no Brasil. Em: Regina Helena Rosa Sambuichi et al. (Orgs). A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil : uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: Ipea, 2017.

04.12 – ACSELRAD, Henri & COLI, Luis Régis. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: Henri Acselrad (Organizador) Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. (p. 13-44).
- COSTA FILHO, Aderval. 2012. Identificação e Delimitação de territórios indígenas e quilombolas: conflitos e riscos na prática pericial antropológica. In: Andréa Zhouri (Org.). Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais. Brasília: ABA, 2012 (p. 332-351).
- O'DWYER, Eliane Cantarino.. "Nation Building" e relações com o Estado: o campo de uma antropologia em ação. In: Andréa Zhouri (Org.). Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais. Brasília: ABA, 2012 (236-254).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2015. Protocolo de Brasília: condições para o exercício de um trabalho científico. Rio de Janeiro: ABA.

05.12 – Avaliação e encerramento do curso.

12.12 – Não haverá aula; participação na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia - "Direitos Humanos e Antropologia em Ação", entre 9 e 12 de dezembro de 2018.

ZARANKIN, A. El pensamiento moderno y posmoderno en arqueología. En Narrar el pasado, Repensar la Historia. M. Rago y R. Oliveira Gimenes (eds.) Editora de la UNICAMP, Campinas, 2001. Pp. 341-360.

TRIGGER, B. Historia do Pensamento Arqueológico. Odysseus, São Paulo. 2004.

JOHNSON, M. Teoria Arqueológica. Ariel, Barcelona. 2000.

FLANNERY, K. El marshalltown de Oro: Una parábola para la arqueologia de la década de 1980. Clasicos de Teoria Arqueologica Contemporanea (Orquea, L y V. Horwitz -comp.) SAA, Buenos Aires, 2007. Pp.61-78.

SHANKS, M. e C. TILLEY. Re-Constructing Archaeology. Routledge 1987.

MILLER, D. Coca Cola: A black sweet Drink form Trinidad. The Cultural Politics of Food and Eating., editado por Watson, J. e M. Caldwell. Blackwell, London. Pp.54-69.

HODDER, I., M. SHANKS., A. ALEXANDRI., V. BUCHLI., J. CARMAN., J. LAST Y G. LUCAS.

Interpreting Archaeology; Finding meaning in the past. Routledge, Londres. 1995

HODDER, I. Simbols in Action. Cambridge University Press, 1982.

FUNARI, P.P.Western Influences in the archaeological Thought in Brazil. Teoria Arqueológica en América del Sur, (Politis, G y Peretti, R. Ed) Incuapa. Olavarria. 2004. Pp.235-244.

ALBERIONI DOS REIS, J. Não pense muito que dói –um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Revista de Arqueologia. SAB, São Paulo. 2004:17:121-124.

GNECCO, C Y A. HABER. O panorama teórico em dialogo. Arqueologia Sudamericana. Cauca. 2006:2:167-204.

FOURNIER, P. La Arqueologia Social Latinoamericana: Caracterizacion de una posicionteorica Marxista. Sed Non Satiata; Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea. Zarankin, A y F, Acuto. (Editores) Del Tridente, Buenos Aires. Pp. 239-272.

ANDRADE LIMA, T. El Huevo de la Serpiente: Una Arqueología del Capitalismo Embrionario en el Rió de Janeiro del Siglo XIX. In Sed Non Satiata: Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea, Andrés Zarankin and Félix Acuto, editors. 1999, Del Tridente, Buenos Aires, Argentina. pp. 189-238

CLASSEN, C.
1993 Worlds of sense. New York: Routledge.
1997 Foundations for an anthropology of the senses. International Social Science Journal, 153: 401–20.

HOWES, D.
1991 The varieties of sensory experience: A sourcebook in the anthropology of the senses. Toronto: University of Toronto Press..
2005 Sensescapes: embodiment, culture and environment. In: Classen, C. (Ed.) The Book of Touch. Oxford: Berg.
2006 Charting the sensorial revolution. Senses and Society, 1(1): 113-128.
2006a Cross-talk between the senses. Senses and Society, 1 (3): 381-390.

HOWES, D; CLASSEN, C.
2009 Doing sensory anthropology. www.sensorystudies.org/?page_id=355

INGOLD, T.; VERGUNST, J.L. (Eds.)
2008 Ways of Walking. Ethnography and Pratice on Foot. Anthropological Studies of Creativity and Perception. Ashgate, Hampishire, England.

TILLEY, C. 2007 The neolithic sensory revolution: monumentality and experience of landscape. Proccedings of Brithish Academy, 144: 329-345.

MACGREGOR, G.
1999 Making sense of the past: a sensory analysis of carved stone balls. World Archaeology, 31: 258-71.

JONES, A.; MACGREGOR , G.
2002 Colouring the past. The significance of colour in archaeological research. Oxford: Berg

SCARRE, C.; LAWSON., G.
2006 Archaeoacoustics. Cambridge: MacDonald Institute for Archaeological Research.

GOODMAN, J.; LOVEJOY, P.; SHERRATT, A.;
1995 Consuming Habits: Drugs in History and Anthropology. London. Routledge.

SACKS, O.
2012 Hallucinattions. Borzoi Books, Canada